

A NUÁRIO ' 2022

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06|2021 | ANO 44 | Edição 303 | R\$ 45,00

Gessulic
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



Prioridades futuras em um ano com novos recordes

Sanidade, bem-estar animal e sustentabilidade serão cada vez mais temas estratégicos para a suinocultura brasileira, que neste ano registra crescimento em produção e exportação, mesmo em um cenário de custos desafiadores



CELSO MORETTI

O presidente da Embrapa destaca a importância da COP26, assim como as soluções e os desafios para uma produção agrossustentável



SUCCESSÃO FAMILIAR

Um processo bem planejado é fundamental para que as novas gerações assumam os negócios da família, agregando maior eficiência no campo

PANORAMA DA SUINOCULTURA

Apesar das dramáticas consequências humanas, sociais e econômicas da pandemia de Covid-19, é possível afirmar que a maior crise sanitária do último século teve um impacto menor no consumo e no mercado mundial de carnes do que as mudanças decorrentes da PSA

Por Marcelo Miele¹ e Franco M. Martins¹

Em 2021, a dinâmica da suinocultura permanece vinculada aos impactos da Peste Suína Africana (PSA) no mercado internacional e nos preços das carnes e dos ingredientes das rações, bem como à desvalorização do Real. Com isso se ampliou a participação brasileira no mercado internacional. Por outro lado, este cenário elevou os custos de produção, já bastante impactados pela quebra da safra de milho a níveis recorde.

MUNDO

A PSA é, desde 2018, o fator determinante que tem moldado a produção, o consumo e o comércio mundial de proteína animal. Devido ao seu impacto na China, e também em outros países como o Vietnã, ocorreu uma significativa redução na produção mundial de carne suína em 2019 e 2020. O biênio acumulou uma queda de 16 milhões

Figura 01. Suinocultura em granjas verticais na China



Fonte: fotografia fornecida por Yu Ping
(Disponível em *Pork Business*, veja QR Code ao lado)

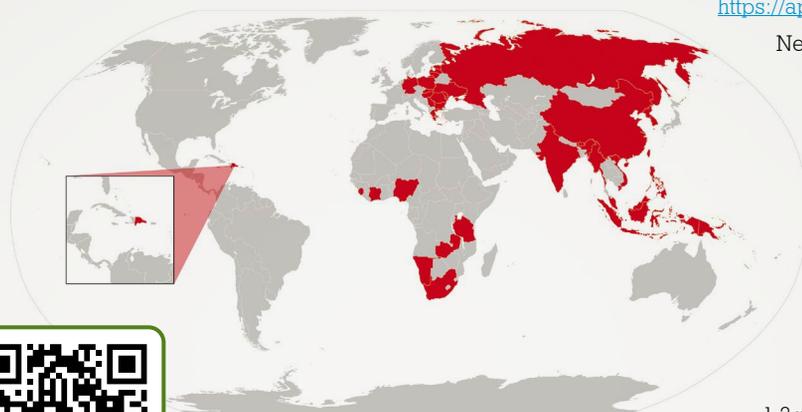


de toneladas (-14%). Em 2021 houve recuperação parcial de 5,8 milhões de toneladas (-5%) abaixo dos volumes produzidos três anos antes. Mesmo após uma redução acumulada de 8 milhões de toneladas nos últimos três anos (-5%), a China foi, em 2021, responsável por 43% da produção mundial de suínos. Em contrapartida, os maiores produtores que ocupam da segunda à quinta posição ampliaram a oferta desde 2018 em 2,2 milhões de toneladas (entre 520 e 620 mil toneladas em cada país). A União Europeia vem mantendo trajetória estável em termos relativos (+2%), os Estados Unidos ampliaram sua produção até 2020 e reverteram essa tendência a partir de 2021, porém com crescimento acumulado de +5% desde 2018. O Brasil e a Rússia ampliaram a produção de forma significativa, com +15% e +17%, respectivamente (USDA, 2021, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline>). O caso russo evidencia a estratégia do país na busca da autossuficiência e de se tornar exportador. A previsão do USDA aponta para um arrefecimento dessa tendência de recuperação em 2022, apesar dos esforços da China para recompor sua capacidade instalada, com investimentos em granjas tecnificadas (Figura 01).

Crédito: Smit/Shutterstock



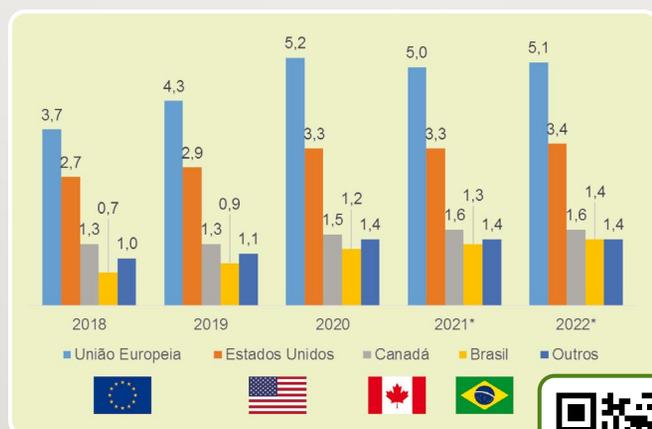
Figura 02. A Peste Suína Africana no mundo, 2021



Fonte: elaborado por Embrapa Suínos e Aves a partir da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) (veja QR Code ao lado)

Em função da restrição provocada pela PSA (Figura 02) houve também redução no consumo mundial de carne suína desde 2018 de 5,8 milhões de toneladas (-5%), mesmo considerando a recuperação em 2021, sendo 84% na China. A carne de frango foi o principal substituto como fonte de proteína animal, com um aumento de 6,1 milhões de toneladas (+7%) no mesmo período, com a China respondendo por 47% desse aumento. A carne de bovinos é ainda mais emblemática como retrato da mudança no país asiático, que elevou seu consumo em 2 milhões de toneladas (+26%) enquanto o resto do mundo reduziu em

Figura 03. Exportações de carne suína, milhões de toneladas



Fonte: elaborado pelos autores a partir de USDA, 2021 (veja QR Code ao lado). *Previsão de outubro de 2021



1,5 milhão de toneladas (-3%) (USDA, 2021, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline>).

Neste contexto, o comércio internacional de carnes aumentou de 32,5 para 37,2 milhões de toneladas entre 2018 e 2021 (+4,7 milhões de toneladas ou +14%), sendo que as exportações de carne suína se destacaram, pois corresponderam a dois terços deste volume adicional, com um incremento de 33% nos embarques. Nesse período, a principal beneficiada foi a União Europeia (UE), que ampliou seus excedentes exportados em 1,3 milhão de toneladas (quase metade do aumento do comércio internacional de carne suína), porém com menores volumes em 2021. A UE foi seguida por Estados Unidos e Brasil, com um acréscimo de aproximadamente 600 mil toneladas cada (quase um quinto do aumento do comércio internacional de carne suína). Merece destaque o significativo aumento percentual brasileiro que foi de 86% (Figura 03) neste período. O destino foi a China que triplicou suas importações em três anos, passando de 17% para 39% das importações mundiais entre 2018 e 2021 (Figura 04). Para 2022, a se confirmarem as estimativas do USDA, é esperada uma continuidade nessa tendência de substituição da carne suína pelas de frango e de bovinos, bem como de ampliação do comércio internacional de carnes, porém de forma mais moderada do que em 2019 e 2020.

As mudanças no mercado internacional tiveram impacto na elevação dos preços das carnes. No caso da carne suína, porém, o final de 2021 aponta para uma reversão na tendência de alta que não se verifica nas demais carnes, nem tampouco nos grãos que seguem em patamares elevados (Figura 05). É importante destacar que a retomada e a modernização da suinocultura chinesa, bem como a ampliação na sua produção de frangos, elevaram suas importações de milho, soja e outros ingredientes das rações. O aumento combinado na demanda e nos custos de fertilizantes, defensivos e fretes, aliado a eventos climáticos e quebras de safras tiveram impacto nos preços internacionais dos grãos (Figura 05) e, conseqüentemente, nos custos de produção de frangos, suínos e bovinos em confinamento. Apesar das dramáticas consequências humanas, sociais e econômicas da pandemia de Covid-19, é possível afirmar que a maior crise

Figura 04. Importações de carne suína pela China



Fonte: elaborado pelos autores a partir de USDA, 2021 (veja QR Code ao lado). *Previsão de outubro de 2021



Figura 05. Índices de preços das carnes e dos cereais no mundo (2014-2016 = 100)



Fonte: elaborado pelos autores a partir de FAO, 2021 (veja QR Code ao lado).



sanitária do último século teve um impacto menor no consumo e no mercado mundial de carnes do que as mudanças decorrentes da PSA. Os impactos da pandemia do novo Coronavírus ocorreram inicialmente com rupturas nas cadeias de suprimento e na disponibilidade de mão de obra nos frigoríficos em países como os Estados Unidos e a Alemanha. No entanto, o principal impacto tem sido a desorganização do sistema logístico global, com a falta de contêineres para exportação de carnes e o encarecimento dos fretes marítimos.

BRASIL

É nesse cenário global que a suinocultura brasileira vem atingindo patamares recordes de produção e ganhando destaque nas exportações mundiais, passando de 7,4% dos volumes em 2018 para 10,4% em 2021, com previsão de atingir 10,9% em 2022 (USDA, 2021, disponível em <https://apps.fas.usda.gov/psdonline>). Estes números evidenciam que o Brasil vem respondendo sobretudo a uma crescente demanda internacional ainda puxada pelos efeitos dos surtos de PSA na Ásia e pelos preços internacionais da carne suína, gerando receitas cambiais próximas a US\$ 3 bilhões (Figuras 06 e 07).

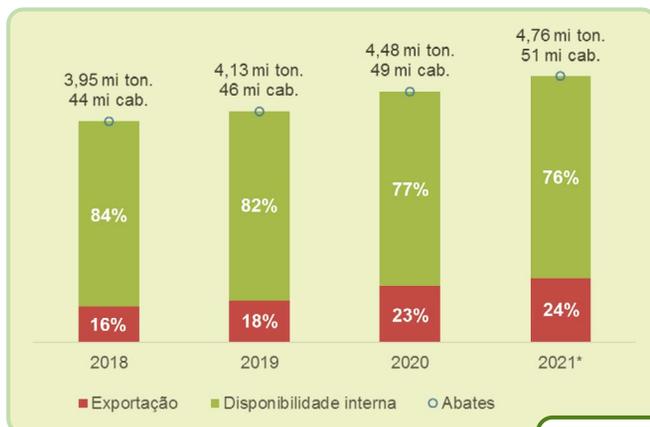
Evidentemente a China continua sendo o principal motor, participando nas exportações brasileiras de forma crescente nos últimos anos, de 25% dos embarques em 2018 atingindo 51% em 2021. Os demais parceiros comerciais em 2021 foram Hong Kong (14% do total), Chile (6%), Cingapura, Vietnã e Uruguai (4% cada) e Argentina, Angola e Filipinas (3% cada). A Rússia chegou a concentrar mais de 40% das exportações brasileiras, mas sua participação atual nos embarques foi inferior a 1%. No entanto, há negociações para ampliar esse espaço (Agrostat/MAPA, 2021, disponível em <https://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat>).

O abastecimento interno, por sua vez, viu sua participação cair de 84% para 76% no período analisado (Figura 06). Entretanto, o aumento da produção permitiu manter o consumo per capita entre 15 e 16 kg por ano (ABPA, 2021, disponível em <https://abpa-br.org/abpa-lanca-relatorio-anual-2021>; Conab, 2021, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro>).

Mesmo diante das incertezas geradas pela Covid-19 não houve ruptura na produção e nos canais de suprimento e distribuição, tampouco um colapso na demanda interna por alimentos.

No lado da oferta, foram implementados protocolos e medidas de segurança visando dar continuidade às atividades nas granjas e nos frigoríficos, e o setor de transporte e logística se manteve em atividade, sendo o segmento mais afetado na cadeia de distribuição o de serviços (restaurantes, bares e hotéis), sobretudo nos meses de maior restrição à circulação da população. No lado da demanda, o avanço da vacinação, o auxílio emergencial e o crescimento do PIB em 2021 próximo aos 5% permitiram a manutenção dos rendimentos, mesmo que parcial e apesar da alta taxa de desemprego.

Figura 06. Abates de suínos e disponibilidade interna e exportações de carne suína no Brasil



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE, 2021) e Agrostat (MAPA, 2021) (veja QR Code ao lado). *Estimativa anual a partir do crescimento dos abates verificado entre jan. e jun./2021 e das exportações entre jan. e out./2021 em relação a iguais períodos do ano anterior



Assim, a carne suína alcançou em 2020 preços nunca antes observados, mas em 2021 houve retração no acumulado do ano até outubro. As carnes de frango e bovina apresentaram uma trajetória de aumento dos preços, acumulando uma inflação acima dos 40% desde janeiro de 2020 (Figura 08). Para 2022 há um ambiente de elevada incerteza devido à decrescente renda do consumidor, afetada pela inflação de alimentos e desemprego.

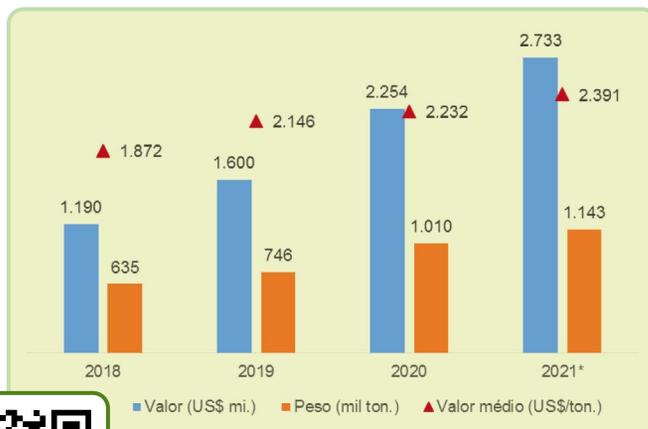
A competitividade da carne suína brasileira tem bases bem estruturadas com a condição sanitária dos rebanhos, a qualidade dos produtos, a organização da cadeia produtiva, a mão de obra especializada e os custos de produção sistematicamente abaixo dos principais concorrentes do mercado global (ver InterPIG em <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/custos/suinos/interpig>). A desvalorização do Real tem sido preponderante para a rentabilidade das exportações brasileiras. De fato, a cotação do Dólar americano aumentou 47% nos últimos três anos, sendo 8% em 2019, 31% em 2020 e 4% nos primeiros dez meses de 2021. A cotação da moeda americana deve fechar o ano em R\$ 5,50, com expectativas de se manter nesse patamar em 2022 (BCB, 2021, disponível em <https://www.bcb.gov.br>). Se por um lado tornou o produto brasileiro mais atrativo aos importadores, por outro lado, a taxa de câmbio também amplificou a inflação

em Dólares no mercado internacional do milho e do farelo de soja, elevando a níveis recordes o custo das rações no mercado interno. Esse movimento de preços ocorreu tanto em regiões deficitárias do grão como Santa Catarina, quanto em regiões exportadoras como Mato Grosso (Figura 09). O preço do milho tem se mantido elevado em função das exportações, da demanda interna para alimentação animal e também para produção de etanol. Entretanto, após aumentos expressivos em Dólares em 2020 (+14% em SC e +43% em MT), ocorreu em 2021 uma elevação ainda maior (+61% em SC e +53% em MT) impulsionada pela quebra da safra 2020/21 em quase 16 milhões de toneladas (-15%)

e pela taxa de câmbio, atingindo patamares em Reais inimagináveis há alguns anos (acima dos R\$100,00 a saca na região Sul). O farelo de soja segue as cotações da oleaginosa, com cres-

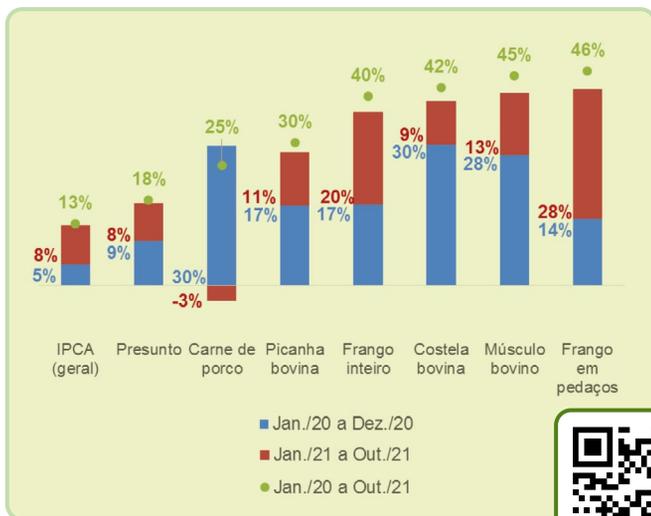
cente demanda no país e no mercado internacional e impactado pela desvalorização do Real. Outros custos, como energia elétrica, óleo diesel, fretes rodoviários e marítimos, bem como o custo de construções e equipamentos, também têm pressionado as margens na cadeia produtiva. No final de 2021 verifica-se tendência de queda nas cotações, muito influenciada pela importação do grão. Para

Figura 07. Exportações brasileiras de carne suína



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Agrostat (MAPA, 2021) (veja QR Code ao lado). *Estimativa anual a partir do crescimento verificado entre jan. e out./2021 em relação ao mesmo período do ano anterior

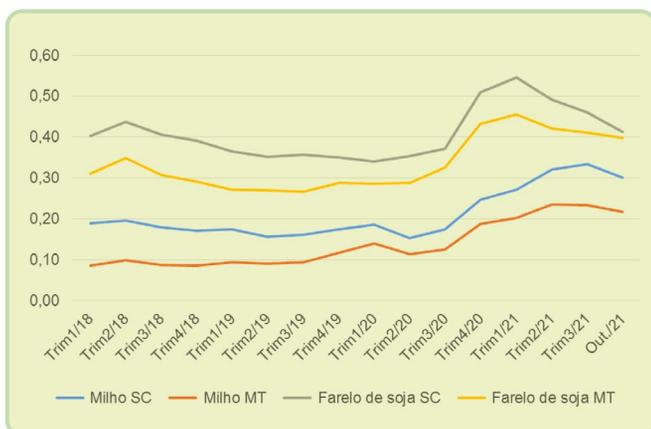
Figura 08. Variação acumulada para o IPCA (índice geral) e subítem selecionados



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2021) (veja QR Code ao lado).

2022, mesmo se prevendo aumento na área plantada e a possibilidade de uma safra recorde, caso não ocorram novamente eventos climáticos adversos, os estoques de passagem 34% menores e o alto custo e a pouca disponibilidade de insumos para o plantio devem manter os preços elevados. Porém, a expectativa de aumento da produtividade e da produção no Brasil e nos Estados Unidos podem sinalizar um alívio nas cotações (Conab, 2021, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro>).

Figura 09. Preço do milho e do farelo de soja no atacado em Mato Grosso e Santa Catarina (US\$/kg)



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Embrapa Suínos e Aves (2021) e Imea (2021)

Importante destacar a perda do diferencial de competitividade entre a suinocultura da região Centro-Oeste em comparação com a produção das demais regiões. A título de comparação, a partir dos preços levantados pela Epagri/Cepa-SC (disponível em <https://cepa.epagri.sc.gov.br>) e pelo Imea-MT (disponível em <https://www.imea.com.br>), em 2018 o preço do milho no atacado em Santa Catarina era o dobro do preço do milho na região Médio Norte em Mato Grosso. Porém, essa diferença se reduziu para 70% em 2019 e 35% em 2020 e 2021. Também caiu a diferença no farelo de soja, mas em patamares inferiores (de 30% para 19% e 13%).

As razões dessa mudança estrutural são o aumento das exportações e o avanço dos investimentos em plantas de etanol de milho, equalizando os preços do grão entre as diferentes regiões brasileiras e o mercado internacional.

Os preços em Dólares do suíno vivo estão abaixo daqueles alcançados no final de 2020, mas ainda acima da média dos últimos anos.

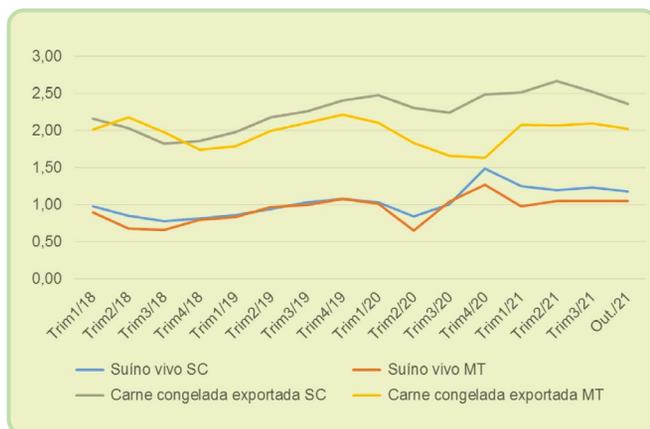
A carne suína exportada tem tido tendência de alta desde 2018, exceto no último trimestre de 2021 (Figura 10). Mesmo assim, a elevação no preço dos insumos foi mais expressiva, implicando em queda nas margens de agroindústrias e cooperativas exportadoras (relação do preço da carne suína exportada, pelo preço do milho), e sobretudo entre produtores independentes (relação do preço do suíno vivo, pelo preço do milho) ao longo de todo ano de 2021 (Figura 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a imunização completa da população adulta há uma expectativa, para 2022, de superação da maioria dos entraves postos pela Covid-19. No entanto, permanecem incertezas sobre o pleno controle da doença e a minimização dos seus impactos econômicos, sobretudo na renda. Além disso, o próximo ano será marcado por baixo crescimento, câmbio desvalorizado e inflação alta ao menos até o final do primeiro semestre, além de persistente desemprego. Assim, o cenário em 2022 aponta para uma redução do poder aquisitivo e do consumo das famílias. O fato de a carne suína ter apresentado menor crescimento nos preços do que as demais carnes, se tornando mais atrativa para o consumidor brasileiro, deve sustentar seu consumo doméstico.

O cenário de preços em queda e custos elevados no final de 2021 não ocorre apenas no Brasil, mas nos principais

Figura 10. Preço do suíno vivo e valor médio da carne congelada exportada em Mato Grosso e Santa Catarina (US\$/kg)



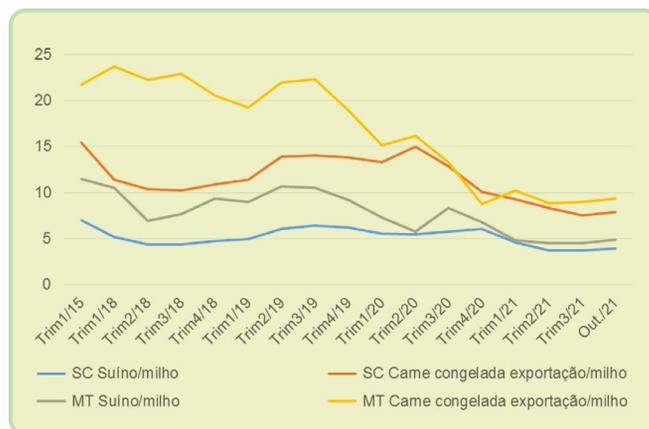
Fonte: elaborado pelos autores a partir de Embrapa Suínos e Aves (2021), Imea (2021) e Agrostat (MAPA, 2021)

países produtores de suínos. Entretanto, aqui, este desequilíbrio foi potencializado pelo câmbio desvalorizado e pelo menor suprimento de milho. Essa situação deverá persistir ao longo do primeiro semestre de 2022.

Do ponto de vista dos suinocultores, olhando para dentro da porteira, a crise de rentabilidade que vem afetando sobremaneira os independentes deve levar novamente à redução no número de produtores desse segmento, seja pela saída da atividade, seja pela migração para as integrações. Entretanto, essa opção também apresenta desafios que vão além da necessidade de investimentos para se adequar aos padrões das cadeias produtivas mais organizadas. Mesmo considerando os avanços importantes obtidos com a Lei n.º 13.288/2016, conhecida como Lei da Integração, que está em vigor há cinco anos, crescem as pressões sobre as margens e a rentabilidade dos produtores integrados, os quais têm enfrentado custos crescentes. A superação desse desafio não será trivial e tem como limitante a rentabilidade das agroindústrias e cooperativas que também enfrentam elevação de custos, sobretudo na aquisição dos ingredientes das rações e nos fretes internacionais.

A expectativa é que os preços se mantenham sustentados pelas exportações, com a China sendo o motor do comércio internacional de carnes, mas também grande compradora de grãos e derivados utilizados na nutrição animal, mantendo a pressão sobre o preço internacional dessas *commodities*. O principal questionamento é quanto à duração dessa posição de grande compradora do

Figura 11. Relação do preço do suíno vivo e do valor médio da carne congelada exportada com o preço do milho no atacado em Mato Grosso e Santa Catarina



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Embrapa Suínos e Aves (2021), Imea (2021) e Agrostat (MAPA, 2021)

mercado global e do Brasil. Este fator deve ser levado em consideração nas tomadas de decisões sobre investimentos na produção a fim de que não ocorram possíveis desequilíbrios decorrentes do excesso de oferta no mercado interno. Um ponto central para a competitividade brasileira é a manutenção da sua condição sanitária. Em 2021 a PSA foi diagnosticada na República Dominicana e logo após no Haiti. Apesar de serem os únicos países nas Américas com casos ativos, é um alerta para redobrar os controles e impedir sua entrada no Brasil. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e associações representativas do setor têm liderado esforços para impedir a entrada da doença no território nacional. Importante também mencionar os casos atípicos de vaca louca, que têm impactado as exportações e os preços da carne bovina e, conseqüentemente, os seus substitutos como a carne suína.

As incertezas para 2022 são, portanto, de ordem climática (oferta de milho e custo da ração dos suínos), macroeconômica (impacto da inflação e do desemprego no consumo de carne suína), comercial (demanda chinesa e impacto no preço da carne suína) e sanitária (contenção dos casos de PSA nas Américas e impactos nos preços dos casos atípicos de vaca louca), além das incertezas de ordem sociopolíticas, ligadas ao calendário eleitoral e pautas de categorias específicas como a dos caminhoneiros. ¹⁰

¹⁰ Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves